19/03/2013 - 11h36

**Custos ao SUS com obesidade chegaram a R$ 488 milhões em 2011**

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1248721-custos-ao-sus-com-obesidade-chegaram-a-r-488-milhoes-em-2011.shtml> (ACESSO EM 20-13)

**JOHANNA NUBLAT**
DE BRASÍLIA

O custo com internações e tratamentos relacionados à obesidade na rede pública apenas no ano de 2011 pode ter chegado próximo de R$ 490 milhões. Um quarto desse valor está relacionado à obesidade grave.

É o que estima um estudo conduzido pela UnB (Universidade de Brasília) e divulgado, nesta terça-feira, pelo Ministério da Saúde.

A estimativa leva em conta tanto o atendimento de problemas diretamente relacionados à obesidade quanto cuidados com 26 doenças relacionadas ao excesso de peso --por exemplo, diabetes, hipertensão arterial e diversos tipos de câncer.

"Se considerássemos só o custo da obesidade em si teríamos R$ 32 milhões, que é o custo da cirurgia bariátrica. Mas, a partir de dados epidemiológicos, em que avaliamos a associação a doenças e o percentual de casos de diabetes e hipertensão devidos à obesidade, a gente conseguiu chegar a um custo mais alto e verificar o quanto a obesidade onera o SUS", disse Michele Lessa, autora da pesquisa.

Do custo total de R$ 488 milhões estimado para 2011, R$ 166 milhões estão ligadas a doenças isquêmicas do coração, R$ 30 milhões ao câncer de mama e R$ 27 milhões à diabetes.

Por terem maior participação na população brasileira com obesidade grave (1,14% das mulheres contra 0,44% dos homens), as mulheres tiveram maior participação neste custo --cerca de R$ 328 milhões.

O ministério estima que cerca de 15% dos brasileiros sejam obesos. Como comparação, esse percentual chega a 20,5% na Argentina, 25,1% no Chile e 27,6% nos Estados Unidos.

O ministro Alexandre Padilha (Saúde) afirmou que esse "é o momento para agir se não queremos atingir níveis tão graves, como o dos Estados Unidos, do Chile ou mesmo da Argentina".

Apesar de a fotografia ser melhor no Brasil, o país tem registrado um aumento médio de 0,76% na taxa de obesidade a cada ano. A obesidade é definida por um IMC (Índice de Massa Corporal) a partir de 30.

Já o excesso de peso (definido por IMC entre 25 e 30) tem crescido, em média, 1,05% a cada ano.

A autora da pesquisa alertou para o crescimento mais acelerado ainda da obesidade grave (IMC a partir de 40).

"A obesidade grave, mórbida, vem num crescimento 4,3% mais rápido que a obesidade em si. Além da epidemia de obesidade, os mais graves estão com aumento de prevalência maior", disse durante coletiva nesta terça.

E o caminho, continuou ela, não deve passar pela responsabilização do obeso. "O Estado tem responsabilidade na criação de ambientes saudáveis".

**NOVA LINHA DE CUIDADOS**

Junto com a apresentação da pesquisa, o ministério lançou uma nova linha de cuidados voltada à obesidade, com a inclusão de novas cirurgias, a redução da idade para realizar a cirurgia bariátrica (de 18 para 16 anos) e o reajuste dos procedimentos em até 20%.

Em 2012, foram realizadas 6.029 cirurgias bariátricas no SUS. Em 2008, foram feitas 3.195.

Segundo Patrícia Jaime, coordenadora de alimentos e nutrição do ministério, a nova linha de cuidados pode resolver o que chamou de "lacunas assistenciais".

**Jornal a gazeta. Caderno Cidades.Vitória, domingo, 24 de março – 2ª edição**

**Criança Obesa: O peso dos maus hábitos**

No Estado do Espírito Santo, pesquisa da Emescam feita com 850 crianças de 6 a 9 anos em escolas públicas, entre 2011 e 2012, aponta: 38% das crianças têm excesso de peso, 59% têm colesterol alto e 8% têm glicose aumentada.

De acordo com a nutricionista Patrícia Casagrande:

* 1 refrigerante de 600 ml contém 6 colheres de açúcar;
* 1 pacote de biscoito recheado de 140 gramas equivale a 9 colheres de sopa de açúcar e 2,5 colheres de sopa de óleo. Em termos de caloria, o pacote equivale também a 4,5 pães de sal;
* 1 pacote de 90 gramas de chips contém o equivalente a 3,5 tampas de caneta de sódio (sal), e que isso é mais do que o consumo de sódio recomendado para o dia todo da criança;
* 1 hambúrguer (pão, carne e queijo, alface e tomate) contém 3 colheres de sopa de óleo e tampas de caneta de sódio.

Padrão errado, segundo Valmin Ramos da Silva (pediatra e pesquisador da Emescam) “idéia de que criança saudável é criança gordinha precisa mudar. É um padrão errado de beleza e saúde na infância. Muitos pais demoram a perceber que o peso do filho passou dos limites”, alerta silva.

**10 principais erros na alimentação das crianças**

1. **Dizer sempre sim:** criança sem limites certamente terá mais liberdade, também, para abusar das guloseimas.
2. **Deixar lanchar fora de hora:** o ideal é que a criança faça seis refeições diárias. Não deixe que ela “belisque’ no intervalo.
3. **Oferecer comida como recompensa:** “coma toda a sopa para ganhar a sobremesa” é o tipo de frase que passa a idéia de que sopa não é bom e de que a sobremesa é que é o máximo.
4. **Ameaçar castigos para quem não come:** “se não comer a salada, não vai ganhar presente”. Isso só vai aumentar a rejeição às saladas.
5. **Fazer brincadeira na mesa:** hora de comer não é hora de fazer aviãozinho. Muito mimo é sinônimo de muita manha.
6. **Ceder ao primeiro “não gosto disso”:** toda criança tem tendência a dizer que não gosta de uma comida que ainda não provou. Insista para que ela experimente o que diz não gostar.
7. **Substituir refeições:** Ceder à pressão por trocar uma refeição é um erro muito comum. Se a criança consegue uma vez, vai repetir essa estratégia sempre.
8. **Tornar a ida à lanchonete um programão:** valorizar demais o hambúrguer torna a comida de casa sem graça.
9. **Servir sempre a mesma comida:** além de enjoar a criança, vão faltar nutrientes, fibras, etc. Variar o cardápio é fundamental.
10. **Não dar o exemplo:** de nada adianta mandar a criança tomar sucos se os pais só bebem refrigerantes na frente dela. Isso vale para tudo que se consome em casa.

[**DOSES DE SAÚDE -**](http://revistaepoca.globo.com/palavrachave/doses-de-saude/) **03/05/2013 21h59** - Atualizado em 03/05/2013 22h06

# Pai gordo, filho obeso... e neto acima do peso

## Por que a obesidade passa de geração em geração (não é só genética!)

**CRISTIANE SEGATTO**

inShare

<http://revistaepoca.globo.com/Saude-e-bem-estar/noticia/2013/05/pai-gordo-filho-obeso-e-neto-acima-do-peso.html> (acesso em 03-05-20130



DE PAI E MÃE PARA FILHO
Uma cena que representa o padrão alimentar de grande parte das famílias. O consumo excessivo de guloseimas industrializadas, antes restrito aos fins de semana, substituiu as refeições preparadas em casa (Foto: Christian Parente/ÉPOCA, Produção de Objetos e Figurino: Felipe Monteiro e Jairo Billafranca, Assistente: Allyni Cintra para Studio Bee Produções, Maquiagem e Cabelo: Omar Bergea, Agradecimentos: Pet Shop Encrenquinhas, Kaue Moda Plus Size, Renner, )

**>>Trecho da reportagem de capa de ÉPOCA desta semana**

"Eles concordavam que comida era feita de amor e era o que fazia o amor. Nunca poderiam abrir mão de um pedaço de qualquer coisa que desejassem. E se Edie, a filha inteligente e amada, era grande demais para sua idade, isso não importava. Como poderiam não alimentá-la?”

Edie tinha 5 anos e 28 quilos quando seus pais enfrentaram o dilema: como negar comida a um filho gordinho? Os pais não estariam mais por perto quando Edie, aos 60 anos e 140 quilos, abreviaria sua história numa gulosa apoteose diante da geladeira escancarada. A advogada aposentada que, desde cedo, aprendeu a buscar conforto emocional na comida é a personagem central do romance The Middlesteins, da escritora Jami Attenberg, recém-lançado nos Estados Unidos e ainda sem editora no Brasil. Os Middlesteins são uma família judia de classe média que vive em Chicago, mas o desconforto é universal. “Muitas pessoas que conheço, inclusive eu mesma, têm uma relação estranha com a comida. Podemos comer demais ou muito pouco”, disse Jami a ÉPOCA. “O pior é que somos obrigados a encarar isso diariamente, três vezes ao dia. É uma questão que permeia toda a nossa vida.” Aos 43 anos, ela hoje tem peso normal, mas foi gordinha até a adolescência.

Se o livro fosse ambientado no Brasil, a história seria igualmente verossímil. Quase metade da população brasileira (48%) pesa mais do que deveria. Entre os homens, os gordos são maioria (52%). O histórico médico das crianças (33% têm sobrepeso e 14% são obesas) já é comparável ao dos avós: colesterol alto, diabetes, desgaste nas articulações.

A obesidade – principalmente a infantil – tornou-se o maior desafio de saúde pública do Brasil. O SUS gasta R$ 488 milhões por ano para tratar a doença e 26 males decorrentes dela, como câncer, males cardiovasculares e diabetes.

Em grande parte das famílias, as guloseimas e o fast-food, consumidos esporadicamente no fim dos anos 1980, substituíram o almoço e o jantar. Um registro detalhado da nova mesa brasileira aparece no documentário Muito além do peso, da diretora Estela Renner. Nas pequenas e nas grandes cidades, crianças de todas as classes sociais não sabem diferenciar um pimentão de um rabanete. Ou um abacate de uma manga. Deter a epidemia é responsabilidade de todos (escola, governos, indústria). E um fato não pode ser desprezado: a obesidade é construída dentro de casa.

A maioria das pessoas engorda pela simples combinação de sedentarismo e erros alimentares. Se o corpo recebe mais energia do que consegue gastar, ela será estocada na forma de gordura. Graças a esse mecanismo, a espécie humana conseguiu sobreviver no tempo em que habitava cavernas, mal conseguia se proteger do frio e a comida era escassa. O que era uma vantagem na dura Pré-História tornou-se um problema no conforto do século XXI. Embora seja a mais freqüente, essa não é a única causa de obesidade.

Em menos de 10% dos casos, o ganho de peso pode ser creditado a causas orgânicas, como distúrbios hormonais ou tumores. Sozinha, a genética justifica cerca de outros 5%. Basta uma alteração num único gene para que o excesso de peso ocorra desde os primeiros meses de vida, geração após geração. Na parcela restante, 85%, a obesidade é explicada por uma combinação de fatores: vários genes aumentam a predisposição ao ganho de peso, mas isso só ocorre se o ambiente favorecer. É aqui que entram as estranhas emoções, como na ficção de Jami Attenberg, e os hábitos aprendidos em família.